

Brasília, um constante desafio

“A Lei Sarney poderia consolidar a posição da Funarte”

HERMINIO BELLO
DE CARVALHO(*)

A Sala Funarte de Brasília está diretamente ligada à Divisão de Música Popular, que foi criada exatamente para dar um contorno mais harmônico às ações que tendiam a se pulverizar numa área que se solidificou a partir da implementação do Projeto Pixinguinha há doze anos passados. Sendo um microinstituto com macroatividades, trabalhamos sempre com projetos cujas linhas programáticas estão alternativamente voltadas para uma produção que raramente é abordada pelo circuito convencional e comercial de discos, livros, partituras, de espetáculos de cunho didático — além de uma atuação que nem sempre emerge nos noticiários. O 1º Seminário de Música Instrumental que o Toninho Horta realizou em 1986 em Ouro Preto é um bom exemplo disso. Como também o Projeto Nelson Ferreira, que idealizamos para a comunidade de Pernambuco. Além do apoio sistematizado a projetos externos, que demonstram exuberantemente que o Brasil ferve em termos culturais, a nossa atuação cada vez mais extrapola o eixo RioSão Paulo, cada vez mais se descentraliza para atuar prioritariamente em comunidades carentes de programas que constantemente estamos examinando, inaugurando parcerias com entidades as mais diversas. A Lei Sarney poderia consolidar a posição da Funarte, que é bastante procurada por exibir um cartel de projetos que estão aí visíveis não só na música, mas também nas artes plásticas, no folclore, na fotografia e também na área da reflexão, onde tem realizado inúmeros seminários como o Cultura Brasileira, Tradição/Contradição, Os sentidos da paixão e O olhar realizados pelo NEP. É mais do que evidente a preocupação da Funarte em atuar buscando parcerias com entidades culturais, exatamente para evitar superposições ou ações paralelas

que tendem a atomizar os programas, causando uma desaconselhável dispersão de clientelas sedentas de saber, que aí estão detectadas em nosso setor de informática. O Projeto Pixinguinha seria impraticável sem a parceria com a Petrobrás e com as instituições regionais que atenuam os custos altíssimos e quase inviabilizadores de sua produção. No caso específico de Brasília, lutamos com dificuldades enormes: o apoio ao criador que vive na Capital e suas periferias tem sido nossa preocupação mais constante. Escoar essa produção e a das regiões vizinhas para a Sala Funarte de Brasília é um trabalho que exige, além de um profundo sentido profissional, uma soma de recursos de que a cultura não dispoe com largueza. Além do mais, procuramos trabalhar não só com o respaldo da comunidade, o que significa a participação da sociedade civil dentro do processo cultural. Mas vamos além: é necessário que essa atuação venha avalizada por outros segmentos dessa mesma sociedade e que têm uma participação mais direta dentro do referido processo: os músicos, os animadores culturais, os críticos — todos aqueles, enfim, que atuam na linha de frente dessa batalha que travamos com pensamentos engravatados, com o próprio mercado que é regido por leis selvagens, desmontando engrenagens que são articuladas para emperrar nossos programas ou até mesmo esvaziá-los em seu contexto didático-cultural, na sua busca de reflexão e novos rumos, numa atuação em que se pense em conjunto, em que se derrubem preconceitos e se resgate a identidade. Não impomos programas de cima para baixo, porque isso na verdade se constituiria num grave erro próprio das ditaduras. Nesse momento, estamos preocupados em reenquadrar a Sala Funarte nos moldes em que já trabalhou como túnel reverberador de propostas novas, de cenário para experimentações as mais legítimas — mas sempre em linha com cabeças não institucionalizadas, que nos permitam oxigenar um espaço que terá que ser alternativo por natureza. Existe

um projeto econômico para o País, e nele a cultura ainda não está suficientemente engastada na medida em que o seu Ministério carece de contornos fisionômicos definidos, já que a pasta, em apenas três anos, foi ocupada por três nomes diferentes. A convulsão econômica não nos permitiu editar com mais desafogo os inúmeros títulos do Projeto Lúcio Rangel, os quais, inéditos ou esgotados, continuam sendo, lançados em co-edição com a Editora Martins Fontes. Na área do disco, lançamos o LP comemorativo dos 80 anos de João de Barro, o Braguinha, com participação de Eduardo Dusek, do Garganta Profunda e do próprio compositor. Marlene e Ney Matogrosso têm participações especiais no LP de Custódio Mesquita e no LP comemorativo dos 80 anos de Radamés Gnattali, colocamos Tom Jobim ao lado do grande maestro recentemente falecido.

Mais recentemente lançamos um LP com músicas de Ismael Silva, interpretadas por Jardís Makalé e a cantora pernambucana Dalva Torres, e outro em que o compositor focalizado é o grande Candeia, na interpretação de Carlinhos Vergueiro e Cristina Buarque, isso sem falar nos discos editados nos primórdios do Projeto Almirante, com compositores dos mais representativos da MPB, como Garoto, Sidney Miller, João Pernambuco, Aracy Cortes, Cartola, Geraldo Ferreira e o notável cantor Orlando Silva. Estivemos, há pouco, com o Projeto Pixinguinha em sete cidades brasileiras com elencos respeitáveis, sendo que cada espetáculo sempre é precedido pela apresentação de um grupo da comunidade, indicado por uma comissão de especialistas. Com a Funtevê, tentaremos conveniar a gravação de um Especial de duas horas com os participantes dos espetáculos do “Pixinguinha”, que é um projeto mascote do Pixinguinha e que pelo quinto ano consecutivo, vem mostrando no Rio de Janeiro valores regionais apresentados em seu circuito. Como trabalhamos como binômio “Registro e Multiplicação”, despejamos parte dessa produção em programas de TV ou discos — como foi o caso do violeiro Roberto Corrêa que atua ao lado de Rolando Boldrin, Sivuca, Cassiano e Zé Mulato, no LP dedicado ao Capitão Furtado. Vamos, agora, lançar o 3º Volume do Projeto Radamés Gnattali, de apoio à prática de conjunto. No 1º Seminário lá de Ouro Preto detectamos essa falha editorial nossa, bastante popular nos E.E.U.U. e na Europa: a gravação de play-backs destinados ao músico do interior e às escolas de música que proporcionarão aos seus alunos tocarem na companhia de músicos do gabarito de Joel Nascimento, Rafael Rabello 7 Cordas, Chiquinho do Acordeon, Mauro Senise e tantos outros.

Tudo isso mostra o esforço da Divisão de Música Popular em atuar alternativamente nos segmentos mais carentes da comunidade, idealizando programas que nascem da pulsação e do desejo que vamos auscultar em nossas andanças pelo Brasil. A Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco acaba de entrar no circuito comercial dos discos, e isto só foi possível porque nós a apoiamos e proporcionamos seu registro fonográfico em linha com os órgãos culturais de Recife. Mas isso é ainda muito pouco, reconhecemos. Brasília, para nós, é um constante desafio.

MILA PETRILLO



“A Sala Funarte de Brasília é destinada à produção que raramente é abordada pelo circuito convencional”

(*) Hermínio Bello de Carvalho é diretor da Divisão de Música Popular da Funarte